



Laerte Bessa se orgulha de seu grupo, que solucionou todos os casos

Grupo anti-seqüestro contabiliza sucesso

Centro das decisões políticas do País e com uma economia crescente — o que atrai a atenção de grupos de seqüestradores —, há um ano e oito meses, Brasília não registra um só caso de seqüestro ou mesmo tentativa. A afirmação é do chefe do Grupo de Repressão Anti-Seqüestro, Laerte Rodrigues Bessa.

Atuando desde 89, mas funcionando de direito a partir de 30 de julho de 1992, quando foi oficialmente criado pela portaria do então secretário de Segurança Pública, João Brochado, o grupo mantém o mesmo contingente de 25 profissionais, entre delegados, agentes, peritos e outras classes de apoio que, segundo Laerte, são suficientes para desenvolver suas atividades-fins.

A decisão política de oficializar a criação do GRS aconteceu depois do mais famoso caso já registrado no Distrito Federal: o seqüestro do empresário da área de transporte, Wagner Canhedo Filho, em 1991. Mas, neste mesmo ano, aconteceram outros três seqüestros e algumas tentativas fracassadas, que agilizaram a necessidade de estruturar mais esta especializada.

Mesmo com a criação do grupo e o sucesso do caso de Wagner Canhedo Filho, onde todos os membros da quadrilha foram presos e recolhidos à Papuda, segundo Laerte Bessa, 92 foi um ano bastante crítico, onde atuaram em ocorrências como a do garoto Bruno, no Cruzeiro, e das crianças do Octogonal, Mailton e Carine, além do seqüestro da mulher de um empresário. "Não podemos esquecer também que durante dois meses investigamos todas as possibilidades de seqüestro no caso Ana Elizabeth", relembrou.

Com sete casos de seqüestro no Distrito Federal nestes últimos quatro anos, Laerte Bessa disse ter solucionado todos, com a prisão das quadrilhas e resgate das vítimas, pelo trabalho preventivo e investigativo do Grupo Anti-Seqüestro.

Dentro desta linha de investigar todas as informações de possibilidades de novas ocorrências, o coordenador do Grupo lembrou o episódio Wigberto Tartuce. "Soubemos através de fonte segura, dentro do presídio, que um grupo do Rio de Janeiro planejava seqüestrar o empresário brasiliense. Checamos as informações e constatamos a veracidade, pois, um carro seguia com muita frequência o empresário. Por isto, durante algum tempo fizemos a sua segurança", relatou Laerte.

"Após esta tentativa fracassada de seqüestro, investigamos também a farsa montada pelos seguranças do pai do empresário Luis Estevão, que após as investigações preliminares ficou comprovado ser realmente uma criação fantasiosa e descabida".

Prontidão — Em caso de uma chamada de emergência pelo sistema de comunicação da Polícia Civil, Laerte assegurou que em poucos minutos tem condições de reunir todo o grupo de trabalho. A central aciona pelo sistema de bip e todos os coordenadores de equipes dentro do menor espaço de tempo possível reúnem e preparam a todos para a missão.

Pela seriedade do assunto, Laerte Bessa disse não ter ainda acionado a sua equipe em função de trotes ou alarmes falsos. Destacando o papel da imprensa que muito tem contribuído com a divulgação do GRS e da sua atuação preventiva, diminuindo a zero o número de casos até agora, neste ano.